

Revista Iberoamericana de Turismo



MINISTERIO
DE ASUNTOS EXTERIORES
Y DE COOPERACION



REFLEXÕES ACERCA DO ENSINO NO CURSO SUPERIOR DE TURISMO: REALIDADE, DESAFIOS E TENDÊNCIAS

Kaline Cunha Aranha

Mestranda em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade Federal da Paraíba, Brasil.

E-mail: kalineturismo@gmail.com

Fernanda Daniela Chaves Rocha

Mestre em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia, Brasil.

E-mail: fernandaturismologa@gmail.com

Resumo

O turismo é um setor que movimenta bilhões de dólares por ano no mundo inteiro, e a tendência é que esse número venha a crescer ainda mais. Vários fatores contribuem positivamente para isso, a exemplo dos megaeventos poliesportivos; dos grandes shows musicais; o interesse por parte da sociedade em conhecer novas culturas; a infinidade de opções nos roteiros turísticos e a melhoria na qualidade dos produtos e serviços ofertados, etc. Para que todas essas características sejam consolidadas é preciso investir na formação e qualificação de profissionais que trabalham na área do turismo, sendo o papel do turismólogo fundamental nesse processo, acompanhado de um ensino superior adequado e que seja capaz de formar um profissional preparado para atuar no mercado. Contudo, o curso superior de turismo vem enfrentando sérios problemas decorrentes da falta de equilíbrio entre o que o mercado proporciona e o que o curso oferece. Desta forma, essa pesquisa teve como objetivo discutir acerca do ensino no curso superior de turismo e as implicações para o alocamento de profissionais da área em postos de trabalho. Por intermédio da pesquisa bibliográfica e documental pudemos compreender a realidade dos cursos de turismo no país, não de modo generalista, mas bem atento às mudanças que estão acontecendo em nível nacional no âmbito do ensino do turismo e do mercado de trabalho na área. Percebemos que os desafios são imensos e que é preciso ter uma estratégia adequada para que haja um equilíbrio entre o que o curso oferece e o que o mercado proporciona, e vice e versa, para que um possa contribuir positivamente para com o outro.

Palavras-chave: Ensino superior em Turismo. Profissional de Turismo. Mercado de Trabalho em Turismo.

1 INTRODUÇÃO

O interesse em realizar pesquisas no campo do turismo tem aumentado consideravelmente nos últimos anos. Estudiosos e profissionais de diversas áreas do conhecimento, principalmente das ciências sociais e das ciências econômicas, buscam tratar de temas que têm ligações com a atividade turística, cujo interesse é entender o funcionamento do turismo e os efeitos positivos e negativos que esta atividade pode ocasionar em âmbitos como: econômico, social, cultural, ambiental e político.

Mas, poucos estudos estão direcionados a questão do ensino no curso superior de turismo no Brasil, o que é um fator primordial a ser considerado, visto que é a partir dessa análise que mudanças significativas podem ser colocadas em prática na estrutura do curso como um todo e, conseqüentemente, preparar e direcionar com mais precisão o

profissional de turismo para o mercado de trabalho¹, contribuindo, inclusive, na forma mais adequada que a atividade turística deve ser desenvolvida nas localidades, com base nos princípios do planejamento turístico sustentável (DIAS, 2008).

O turismo é bastante complexo, o que proporciona estudá-lo nos mais variados aspectos e temáticas. É nesse sentido que o propósito desta pesquisa foi o de analisar o turismo sob a ótica da educação, ou seja, compreender os arranjos que constituem o curso superior de turismo no Brasil, no que tange à metodologia de ensino; à matriz curricular do curso; à estrutura física nas universidades – (sistema técnico e operacional, laboratório, existência de hotéis e agências-escola); ao programa de estágios e, por fim, avaliar de que forma esse sistema de ensino interfere na hora de alocar os profissionais nos postos de trabalho, e quais os reflexos que isso causa no curso superior.

Pesquisas desse tipo ainda são pouco exploradas, estando limitadas a debates levantados por profissionais da área, professores e estudantes do curso, e por associações de turismo em nível nacional: Associação Brasileira dos Bacharéis em Turismo (ABBTUR) e Associação Brasileira de Dirigentes de Escolas de Turismo e Hotelaria (ABDETH) (TRIGO, 1998), porém a probabilidade é que o número de pessoas que tenham interesse em desenvolvê-las amplie cada vez mais, na proporção que é um assunto que está interferindo no futuro dos cursos superiores de turismo no país e na decisão do candidato que procura se inscrever no vestibular para essa área.

Por ser o turismo um campo intermultidisciplinar, a matriz curricular do curso, desde o princípio, é constituída por várias disciplinas que fazem parte de diferentes áreas do conhecimento. A matriz pode variar de instituição para instituição, vai depender do que se trata o curso, se é mais voltado para a área técnica ou operacional, se é mais voltado para o planejamento turístico, ou para a questão da pesquisa científica.

Contudo, é possível afirmar que, todo aluno de graduação em turismo se depara com disciplinas relacionadas à Economia, ao Meio Ambiente, à Cultura, à Antropologia, à Sociologia, à Geografia, à Administração, à Biologia, à Estatística, às Relações Públicas e Humanas, à História, ao Marketing, a Eventos; e disciplinas próprias da área do turismo: Agenciamento, Transporte, Hotelaria, Planejamento, Lazer e Recreação, Alimentos e Bebidas, etc.

Como podemos observar a grade do curso é bem interessante e proporciona ao estudante dialogar com diversas áreas do conhecimento. Mas como se dá a metodologia de ensino na sala de aula? Como os alunos se apropriam do conteúdo? Como acontece a articulação entre aluno e professor? Há infraestrutura adequada? E o estágio obrigatório, como é fundamentado? Onde os alunos geralmente buscam estagiar? Existem parcerias das faculdades com empresas do setor público e da iniciativa privada? Quais as atividades desenvolvidas durante o estágio? Está de acordo realmente com o que compete ao profissional de turismo?

E o profissional ainda se depara com perguntas do tipo: Quem faz turismo é turista? O que se estuda na faculdade de turismo? Qual a função do profissional de turismo? Entre outros questionamentos que ao invés de fortalecer a importância da profissão, dá credibilidade para que o curso de turismo seja visto como algo irrelevante para a sociedade ao compará-lo com outros cursos tradicionais existentes.

¹Especificamente, no caso de empregos voltados para o setor turístico no Brasil, é preciso deixar claro que o problema atravessa as barreiras das universidades e envolve, sobretudo, questões políticas ligadas ao sistema predominante, que acaba por transformar a imagem do turismo educacional e profissionalmente falando em algo pouco significativo para o país, o que compromete a sustentação dos cursos já existentes e a criação de novos cursos, bem como a inserção do profissional de turismo no mercado de trabalho.

A não absorção do profissional no mercado também dificulta que o curso de turismo continue funcionando como deveria, na medida em que, quanto menos empregos são oferecidos no mercado de trabalho, menos interesse dos alunos existe em fazer a faculdade de turismo.

O que precisa mudar? Será que deve haver uma reformulação na grade curricular do curso de turismo, assim como na metodologia do curso em sala de aula? Ou seja, algo que proporcione um novo modelo educativo? Deve haver mudanças estruturais na formação superior que proporcione a existência de vários tipos de profissionais de turismo, de acordo com a exigência do mercado? Ou será que a grande lacuna diz respeito à falta de conscientização do que significa o curso, da sua importância e da relevância do profissional da área para o desenvolvimento turístico no país? A partir dessa problemática criada em forma de questionamentos, formulamos o objetivo geral e os específicos para auxiliar na investigação do trabalho. Tendo como objetivo específico: discutir acerca do ensino no curso superior de turismo no Brasil e identificar suas implicações para o alocamento de profissionais da área em postos de trabalho e os reflexos desse processo no próprio funcionamento e manutenção do curso. E os seguintes objetivos específicos: Fazer um levantamento e análise comparativa da matriz curricular de alguns cursos superiores de turismo; Compreender a metodologia de ensino trabalhada no curso superior de turismo; Traçar um panorama geral da realidade atual dos cursos de turismo no país.

Para desenvolver o presente trabalho, foi necessário primeiramente fazer um levantamento bibliográfico e documental tendo como principais fontes de pesquisa: livros, textos, informações disponíveis em *sites*, assuntos estudados nas disciplinas durante as aulas da Pós-graduação em Metodologia do Ensino Superior, bem como ao longo da experiência como docente, dentre outras - cujas abordagens se inserem no campo da educação, turismo, ensino no curso de turismo, mercado de trabalho, e profissional de turismo.

O que despertou o interesse em estudar o tema proposto foi à inquietação relacionada ao ensino de turismo no país, ao futuro do curso superior e do profissional da área. Na atualidade, muitos cursos de turismo estão fechando as portas, isso é uma realidade em nível nacional. Profissionais de turismo encontram dificuldades em conseguir emprego, e quando alcançam essa possibilidade geralmente se submetem a baixos salários e a desenvolver certas funções que qualquer indivíduo com certo grau de instrução poderia realizar, sem necessariamente precisar concluir a graduação em turismo para tal.

Acredita-se, também, que há uma falta de motivação por parte das instituições em investir na melhoria do curso, bem como na divulgação e na captação de alunos. Pois, diferentemente de outros cursos, como por exemplo o de Direito, e cursos da área da saúde, o turismo não traz um retorno financeiro tão rápido para as instituições, nem é tão procurado como deveria, o que resulta nesses impasses que comprometem a funcionalidade e o bom andamento do curso.

Todas essas insatisfações citadas anteriormente justificam a necessidade em desenvolver esta pesquisa. É uma forma de contribuir também para ampliar o leque de estudos na área do turismo, bem como de consolidar novas visões no seu campo de ensino, podendo de alguma forma perpetuar essa temática e auxiliar na busca por mudanças que resgatem a integridade e a importância do curso.

2 O ENSINO EM TURISMO: ONDE ESTAMOS? ONDE QUEREMOS CHEGAR?

A repercussão em torno da preocupação em analisar os efeitos advindos da atividade turística tem aumentado consideravelmente nos últimos anos. Quanto mais o turístico se apropria das localidades, interferindo nos modos de vida da comunidade; nos aspectos psicossociais dos turistas; no sistema econômico dos que se beneficiam da atividade; no próprio meio ambiente, que serve de atrativo para a prática do turismo; no sistema de ensino e pesquisa científica, mais cresce a necessidade por parte dos pesquisadores em desenvolver pesquisas associadas ao fenômeno turístico.

As principais causas desse desenvolvimento estão relacionadas ao crescimento dos transportes, a evolução tecnológica das comunicações, ao aumento da oferta turística, ao crescimento do tempo livre, e a sociedade moderna que passou a viajar mais para se recuperar da vida agitada (IGNARRA, 2003).

Paralelo a isso veio à necessidade de criar profissões especializadas em lidar com o turismo, e nessa perspectiva surgiu o chamado Bacharel em Turismo (indivíduo que conclui a graduação em turismo), assim como o curso técnico em turismo, o curso de guia de turismo, o curso de hotelaria e muitos outros que de alguma forma são aproveitados pela atividade turística, na forma de: recepcionista; balconista; garçom; chefe de cozinha, profissionais que trabalham com lazer e recreação; em parques ambientais - considerados grandes atrativos; em parques de diversão, etc. Segundo Barretto (1995, p. 146):

O começo dos estudos teóricos de turismo tem sido estabelecido em 1925, com a criação da cátedra de turismo na Universidade de Roma, por Angelo Mariotti; o primeiro instituto específico para o estudo do turismo funcionou na Alta Escola de Economia de Berlim a partir de 1929. A partir de 1950 registram-se institutos específicos de hotelaria e turismo em vários países da Europa; na década de 1960, nos Estados Unidos, e, na de 1970, na América Latina.

Em nível mundial existem três fases relacionadas à educação em turismo. Na primeira, chamada de fase contemporânea, que data dos anos 1940, a pesquisa foi realizada por acadêmicos como Hunziker e Krapf, na Suíça. Outros acadêmicos se destacaram na Inglaterra no mesmo período. Mas foi apenas nos anos 1970 que acadêmicos anglo-americanos realizaram pesquisas com caráter mais aprofundado em comparação às pesquisas anteriores. A segunda fase data dos anos 1980, quando pesquisadores renomados como Jafari e Brent-Ritchie mudaram o foco educacional turístico do nível pragmático para o nível educacional, surgindo a importância em torno da pesquisa. Já a terceira fase iniciou-se nos anos 1990, quando o turismo passa por mudanças significativas devido às fortes tendências do mundo global (GO *apud* TRIGO, 1998).

Na América Latina, a fundação dos cursos superiores em turismo iniciou-se a partir da década de 1970, mais precisamente em 1971, no caso do Brasil, na Faculdade Anhembi-Morumbi, bastante conceituada até os dias atuais (TRIGO, 1998). Mas o impulso maior somente foi efetivado durante a década de 1990, quando surgiu uma preocupação com a formação profissional em turismo e com a docência e a pesquisa científica nesse campo do conhecimento.

No Estado de São Paulo, os cursos de hotelaria e turismo, por muitas vezes, foram um dos mais concorridos nos vestibulares de instituições renomadas, a exemplo da PUC-São Paulo e PUC-Campinas, com base nos dados dos vestibulares de 1996 e 1997 (TRIGO, 1998). Isso ocorria porque a expectativa de mercado era consolidada e de certa forma duradoura. O turismo estava crescendo no país, o que possibilitava ampliar o leque de oportunidades para os profissionais da área. E nesse aspecto, faculdades particulares

passaram a abrir cursos de turismo, hotelaria, e até mesmo o tecnólogo em turismo, como é o caso do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC).

No entanto, posteriormente essa realidade veio a mudar. Até início dos anos 2000 os cursos ainda prosperavam, mas em seguida houve um declínio tanto na oportunidade de empregos na área, como na oferta de cursos de turismo nas faculdades. Essa problemática já tinha sido identificada por Meléndez em 1991, quando pontua que:

[...] na América Latina há muitos institutos de formação de profissionais em turismo, mas apresentam vários problemas, entre eles de que não há suficiente diversidade de programas curriculares para formar profissionais específicos. Por outro lado, observa-se uma relação inversa entre a mão-de-obra requerida pelo mercado e a oferta de cursos (*apud* BARRETTO, 1995, P. 146).

Nesse sentido, acredita-se que o fato de os cursos de turismo terem entrado em crise é reflexos da não absorção dos profissionais da área no mercado de trabalho. A oferta não estava correspondendo à demanda, e os baixos salários desmotivaram os vestibulandos a ingressarem nesse ramo. Isso nos leva a crer que esses dois universos, de um lado o mercado e do outro o ensino superior em turismo, não estão em sintonia.

Analisando cada elemento isoladamente, a começar pelo ensino em turismo, pontuamos considerações importantes colocadas por Trigo (1998) e Barretto (1995) que nos ajudaram na compreensão desse segmento. Westlake *apud* Trigo (1998) aborda acerca dos problemas para o ensino em turismo, ao citar vários aspectos que justificam essa colocação. Primeiro que o turismo é visto geralmente como simples contribuição para enriquecer outras áreas do conhecimento; o ensino em turismo apresenta uma matriz multidisciplinar, e acaba por discutir assuntos atrativos para outras áreas ou disciplinas.

Há também dificuldades em encontrar dados históricos que contribuam para a consolidação das pesquisas em turismo, visto que o turismo é estudado por vários campos, e cada qual expõe seu ponto de vista com relação a determinado assunto. Muitas vezes, o setor de turismo é dominado por pequenas empresas, que são geridas por profissionais pouco experientes e que não dão o devido valor a qualificação profissional, ficando os clientes a mercê dessa situação.

Já no que concerne ao profissional da área a discussão se baseia no modelo de profissão que está sendo criado, o que leva em consideração o tipo de profissional e as funções cabíveis a ele, bem como as disciplinas que fazem parte da grade curricular do curso e que vão auxiliar na sua formação. Barretto (1995) explica que na América Latina, por exemplo, há uma oferta de cursos significantes, todavia não se busca criar subsídios para formar profissionais específicos para atuarem em determinadas funções. A autora complementa que:

O modelo mais utilizado tem sido o modelo espanhol, que forma um profissional eclético, que pode atuar tanto na área operacional ou técnica (aplicação de conhecimento) ou na de pesquisa ou científica (produção de conhecimentos novos, ensino, publicações). Pode atuar em órgãos públicos, como planejador de políticas turísticas em nível municipal, estadual ou nacional, ou dentro da empresa privada. Dentro do setor empresarial, pode dedicar-se ou à promoção turística (difusão e venda de produtos prontos), ou ao planejamento de novos produtos (BARRETTO, 1995, p. 147).

Há uma infinidade de atribuições que compete ao profissional de turismo. Mas ao mesmo tempo nos perguntamos: essa pessoa está realmente preparada para desenvolver todas essas funções? O ensino dá subsídios para que isso aconteça na prática? Porque a impressão que se tem é que o sujeito quando se forma em turismo, tem visão de toda essa totalidade citada, mas de forma superficial, e a própria grade curricular pode afirmar isso. São inúmeras disciplinas, às vezes, algumas bem parecidas, que poderiam para ser ministradas como sendo uma única matéria.

A partir dessas análises, é possível compreender um pouco o porquê de o curso de turismo e da profissão estar passando por um conflito que tem levado ao fechamento do curso em diversas faculdades e a dificuldade dos turismólogos se inserirem no mercado de trabalho. É preciso criar estratégias que reformulem o modelo de ensino em turismo e auxiliem na busca pela formação adequada dos profissionais. Contudo, não de forma isolada, mas pensando nesses elementos como fazendo parte do sistema de turismo. Pois, na realidade, como coloca Cooper (1998 *apud* Trigo), falta uma integração mais articulada entre o governo, à academia e empresários do setor, o que compromete na hora de driblar os desafios da formação do profissional da área.

Nessa perspectiva direcionamos nosso olhar para a educação, onde o interesse maior está em discutir a metodologia e a estrutura do ensino na educação superior, e a partir daí compreender o desenvolvimento do ensino no curso de turismo, levando em consideração a realidade brasileira.

A educação, até se constituir no que é hoje, passou por um processo histórico profundo, fruto das transformações provenientes dos conflitos econômicos, sociais e políticos ocorridos no mundo globalizado. Essas mudanças fizeram com que o ensino superior se diversificasse, atingindo proporções significantes, principalmente no que tange às políticas públicas educacionais (ZOCCOLI, 2009).

O desafio em constituir um sistema de ensino de qualidade também veio à tona, mas a necessidade formar profissionais para o mercado de trabalho tornou por algum período o ensino baseado na formação tecnicista, em que as pessoas eram moldadas a desenvolver trabalhos técnicos sem levar em consideração a verdadeira essência do ensino, que vai além do aprendizado mecânico, mas leva em consideração a relação sociocultural entre as pessoas, a motivação e a afetividade no processo de ensino (VYGOTSKY *apud* NOGUEIRA, 2009), que nos fez rever novos paradigmas acerca da qualidade do ensino e da formação dos professores.

No Brasil, as políticas públicas educacionais vêm, ao longo dos últimos anos, impulsionando a reforma no sistema de ensino no país, seja ele infantil, fundamental, médio ou superior. A Lei nº 9.394/1996 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional reflete diretamente no ensino superior, e foi a partir dessa ferramenta e dos elementos que a constituem que passou a existir um artifício capaz de analisar o ensino em toda sua dimensão, de modo a avaliar os cursos e programas; os cursos sequenciais; o ensino de educação superior; modalidades e formas de acesso ao ensino superior; recursos para financiar o ensino; avaliação da educação no ensino superior; avaliação dos cursos; educação à distância, entre outros aspectos que constituem o ensino no país (ZOCCOLI, 2009).

Acrescentamos, ainda, a necessidade de avaliar os estágios supervisionados, aos quais os alunos são submetidos como requisito para conclusão do curso, e no caso do turismo, reformular a política de estágio, a qual será esclarecida com mais exatidão posteriormente.

Percebe-se que houve um avanço nas políticas públicas voltadas para o ensino no Brasil, apesar de que muito ainda deve ser feito para que o ensino realmente possa

proporcionar uma formação de qualidade plena. O ensino, a pesquisa e a extensão formam o tripé da educação ideal, o que modifica a ideia do aluno ser um mero espectador, sem interagir com o restante da turma e com o próprio professor. Para Pimenta et al (*apud* Melo et al, 2009, p. 23) a educação deve ser mediada pela técnica, pela ética e pela política, ao citar que:

Técnica, quando o conhecimento é saber competente para um fazer eficiente, contextualizado e científico, sendo a qualificação técnica do aprendiz processo que se concretiza na formação profissional universitária, indo além do mero treinamento ou reciclagem e superando a busca da simples eficácia técnica e a submissão à lógica opressiva do mercado de trabalho. Política, pois tem que ver com as relações de poder que permeiam a sociedade, advindo daí a importância dos processos educacionais que possibilitam a construção da cidadania com os estudantes. [...] E ética, pois a clareza na opção de conceitos e valores tornam-se referências básicas para a intencionalidade do agir humano.

Essas colocações das autoras vão de encontro à pedagogia de Paulo Freire (2003), que sistematiza perfeitamente o perfil de ensino que idealizamos, e que ainda podemos conquistar. Voltando para a questão do ensino no curso superior de turismo e com base nesse ideal de ensino exposto acima, nos perguntamos: qual o tipo de ensino almejamos? Que tipos de profissionais do turismo devem ser formados, para atender as demandas do mercado e garantir a existência do curso de turismo? O que falta para alinhar às necessidades do mercado as do ensino? Barretto (1995, p. 147) prega pelo ensino segmentado do turismo, ao explicar que:

O tipo de educação que parece mais adequado é o iluminista. Precisa-se de pessoas com conhecimentos gerais, que sejam capazes de interpretar os problemas da sociedade atual e que saibam aprender a aprender para reciclar-se continuamente, executando suas tarefas, da mais simples até a mais complexa, com real eficiência; mas, fundamentalmente, precisa-se segmentar o turismo para ver quantos tipos de profissionais de turismo serão necessários para atender efetivamente o sistema.

Concordamos em partes com o que propõe a autora, pois devemos observar o lugar de fala de cada um. Não sabemos se esse paradigma daria certo para o caso do Brasil, visto que neste país ainda não há uma política forte que reconheça a importância primordial do profissional de turismo. Então acreditamos que quanto mais segmentada for a formação na área, mais problemas surgirão para inserir o profissional no mercado de trabalho.

Sem falar que muitos empregadores esperam que os graduados em turismo tenham competências diversas, como coloca Cooper (2001) ao falar de uma pesquisa realizada no Reino Unido em 1992. Segundo este autor, espera-se que os recém-formados em turismo tenham capacidades que vão além da habilidade específica. É preciso ter conhecimento de outros idiomas; aptidões para gerenciamento e administração; grande conhecimento do mundo dos negócios; conhecimento de economia; além das habilidades acadêmicas, etc.

No caso do Brasil, a grade curricular² dos cursos de turismo geralmente é bastante complexa e engloba uma quantidade significativa de disciplinas, formando um profissional completo nesse sentido. Algumas faculdades particulares, a exemplo do Instituto de Educação Superior da Paraíba (IESP) no município de João Pessoa – PB, o curso de

²Ver algumas grades curriculares de cursos de Turismo em anexo.

turismo possui um hotel-escola para dar suporte aos alunos, bem como um laboratório de agência de turismo, para que o aluno conclua a faculdade com o conhecimento necessário na parte de agenciamento como um todo, e também no que diz respeito aos meios de hospedagem.

Levando em consideração a experiência profissional na área da educação no curso de turismo, temos como exemplo o curso da Faculdade Maurício de Nassau, campus Salvador. O mesmo não está funcionando desde o presente semestre (2013.2) justamente devido à dificuldade em formar turmas, em que a procura não atinge o limite mínimo necessário exigido pelo Ministério da Educação (MEC). Nesta instituição, diferentemente da IESP, o curso não possui estruturas físicas, como agência ou hotel-escola, que possibilite o alunado aprender na prática o que foi discutido em sala de aula, porém, a maioria dos alunos que concluíram a faculdade entre os semestres 2012.2 e 2013.1 já estavam atuando na área, principalmente em agências de turismo, com destaque para a CVC Viagens e Turismo.

O curso de turismo de algumas universidades públicas, apesar de muitas vezes ter investimentos no que se refere ao ensino, pesquisa e extensão, pecam na estrutura física e operacional, a exemplo do curso de turismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O corpo docente é bem preparado, a grade curricular é diversificada, mas falta estrutura física para que os alunos possam adquirir mais experiência na prática.

O curso não possui hotel-escola, nem agência-escola. Os alunos na maioria das vezes se deparam com esses mecanismos apenas no período de estágio, e a depender de onde acontecem os estágios, pois nem sempre são nesses lugares. O que facilita de certa forma, é que durante as disciplinas propriamente ditas, alguns professores se preocupam em realizar visitas técnicas nesses complexos turísticos, para que os alunos possam conhecer cada setor, mas de forma bem superficial, diante do tempo limitado.

Em contrapartida, alunos de faculdades particulares às vezes têm outro rendimento a comparar com os de universidade pública. Geralmente os de faculdades particulares, que estudam à noite, trabalham durante o dia para pagar a própria faculdade. Então, mesmo que os professores invistam na realização de visitas técnicas, muitos não podem participar o que compromete de certo modo sua formação. Isso quando a faculdade não dispõe de estrutura física e operacional própria que beneficie esses alunos no que se refere às aulas práticas do curso.

Essa questão é muito relativa. Cada faculdade ou universidade tem seus prós e contras. Não é porque o curso de turismo carece de uma determinada infraestrutura que tem qualidade de ensino inferior à outra instituição que dispõe dos recursos altamente tecnológicos. Há outras características em jogo que respondem pelo nível do curso. A própria dinâmica da atividade turística da cidade onde o curso funciona também interfere no mesmo.

Por fim, chegamos a vários posicionamentos que nos fizeram refletir acerca do ensino no curso superior de turismo, do profissional da área, e da relação entre esses dois elementos e o mercado de trabalho. Primeiro, acreditamos que o curso de turismo estar passando por uma crise, isto se deve, também, a não valorização e percepção da importância do profissional da área para o desenvolvimento turístico do país.

Todavia, esse não é o único desafio a ser vencido. A metodologia do curso em sala de aula precisa estar em sintonia com os fatores externos. Seria interessante que os alunos de turismo, para ter uma formação completa, passassem por vários setores do turismo durante o período de estágio, assim como passa um estudante de enfermagem ou um estudante de medicina, nas suas respectivas áreas. Se essa política fosse adotada como algo

obrigatório, o profissional estaria mais preparado para atuar no mercado ou em outros segmentos após a conclusão do curso.

Reverendo essas mudanças no contexto do ensino e do curso de turismo é provável que o ideal de ensino seja alcançado, e que as lacunas existentes, sobretudo na relação entre a academia, o governo e o mercado diminuam consideravelmente.

Para finalizar, utilizamos de uma citação de Chris Cooper que diz o seguinte: Ainda existe, em vários lugares do planeta, resistência à compreensão de que a elevação da qualidade dos serviços turísticos, dos padrões de segurança, lucratividade e eficiência depende em boa parte de formação profissional séria e continuada Cooper (*apud* Trigo, 1998). Ou seja, se não houver um curso superior de turismo de qualidade e um ensino adequado, acompanhado de um profissional completo e preparado, dificilmente o turismo trará bons frutos para as localidades turísticas e a sociedade no geral. Investir no ensino é preciso, e isso é o desafio para o qual precisamos nos unir para vencer.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O turismo é uma atividade que gera efeitos de grande magnitude no ambiente onde está sendo praticada. A tendência é que o fenômeno turístico cresça consideravelmente ao passar dos anos, pois a sociedade de hoje necessita do lazer para repor suas energias, não apenas isso, a curiosidade em conhecer novas culturas também provoca, nas pessoas, o desejo de viajar.

Quando o turismo passou a ser visto como algo positivo, gerador de emprego e renda, o poder público e a iniciativa privada passaram a apostar nesse segmento e investiram no desenvolvimento da atividade. A melhoria na qualidade dos produtos e serviços tornaram os turistas mais exigentes, e os investidores começaram a compreender quão importante seria ofertar produtos turísticos de alto padrão. Essa demanda veio acompanhada da necessidade de formar profissionais na área, criando assim, a profissão de *turismólogo*, responsável não só pelo atendimento direto ao turista, mas por toda a logística de gestão, planejamento e marketing da atividade turística.

Nos anos 1990, a profissão tomou saltos significativos com forte aceitação no mercado, o que proporcionou a abertura de cursos superiores de turismo em todo país. Porém, a falta de sintonia entre o mercado, o ensino em turismo e o setor público provocou a queda não só na alocação dos profissionais de turismo no mercado, mas também o fechamento do curso em diversas faculdades particulares.

A questão é que discussão trazida em todo o contexto deste artigo reflete uma temática de pouca relevância para o meio político no nosso país, mas que carece de atenção e cuidado especial. A cada dia, o turismo demonstra o quanto é importante e o quanto deveria ser valorizado. Mas na prática não acontece da forma que deveria.

É preciso estar de acordo com as tendências do chamado pós-turismo (MOLINA, 2003). E para que isso se solidifique, é necessário de antemão discutir acerca da nova educação que deve ser ministrada para os profissionais de turismo, de modo a eliminar essas barreiras e atender as demandas da própria atividade turística.

REFERÊNCIAS

- BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas, SP. Papirus, 1995. (Coleção Turismo).
- COOPER, C. **Turismo: Princípios e Práticas**. Porto Alegre: Bookman, 2001.

DIAS, Reinaldo. Planejamento do Turismo: Política e desenvolvimento do turismo no Brasil. 1. ed. – 3. reimpr. – São Paulo: Atlas, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 26. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

IGNARRA, L. R. **Fundamentos do turismo.** 2. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

MELO, Alessandro de; URBANETZ, Sandra Terezinha. **Organização e estratégias pedagógicas.** Curitiba: Ibpex, 2009 – (Coleção metodologia do ensino na educação superior: v. 8).

MOLINA, Sérgio. **O pós-turismo.** São Paulo: Aleph, 2003. (Série Turismo).

NOGUEIRA, Makeliny Oliveira Gomes. **Aprendizagem do aluno adulto:** implicações para a prática docente no ensino superior. Curitiba: Ibpex, 2009 – (Coleção metodologia do ensino na educação superior: v. 4).

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **A Sociedade pós-industrial e o profissional em turismo.** – Campinas, SP: Papirus, 1998. – (Coleção Turismo).

ZOCCOLI, Marilise Monteiro de Souza. **Educação superior brasileira:** política e legislação. Curitiba: Ibpex, 2009.

**REFLECTIONS ABOUT OF THE EDUCATION IN TOURISM COURSE:
REALITY, CHALLENGES AND TRENDS**

Abstract

Tourism is an industry that moves billions of dollars a year worldwide, and the trend is that this number will grow even more. Several factors contribute to this, the example of mega events polisportives; of the great musical shows; the interest on the part of society to meet new cultures; the plethora of options in tours and the improvement in the quality of the products and services offered, ect. For all, these characteristic must be consolidated must invest in the training and qualification of professionals working the area of tourism, begin the role of fundamental business process, accompanied by an appropriate higher education and who is capable of forming a professional prepared act on the market. However, the degree of tourism has been facing serious problems arising from a lack of balance between what the market offers and what the courses offers. Thus, this research aimed to discuss about the teaching in the College of tourism and the implications for the allocation of workers into jobs. Through bibliographical research and documentary were able to understand the reality of tourism in the country, not a generalist, but well aware of the changes that are happening at a national level tourism education and the labour market in the area. We realize that the challenges are immense and that we must have a proper strategy so there is a balance between what that course offers and what the market offers, and vice and versa. So that one can contribute positively to each other.

Keywords: *higher education in tourism. Tourism Professional. The labour market in tourism.*

Artigo recebido em 04/08/2014. Aceito para publicação em 06/11/2014.